

**“Ora, os homens são capazes de fazer o mal”\***

*Sílvia Maria de Contaldo*

*Por que, então, ó mortais, buskais fora de vós  
mesmos o que se encontra dentro de vós?  
O erro e a ignorância vos cegam.  
Boécio<sup>1</sup>*

## **1. Introdução**

Bem, mal, justiça, injustiça, felicidade, infelicidade são temas que sempre estiveram no repertório filosófico. No horizonte medieval, a pergunta pela natureza humana, seus fins e propósitos tem em Boécio, especialmente em *A consolação da Filosofia*, respostas profundíssimas. Leitor de Agostinho, conhecedor da tradição filosófica grega, a interlocução de Boécio com a Filosofia traz à tona a questão do mal e a crença na possibilidade de o homem ser feliz, embora seja capaz de fazer o mal. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar algumas de suas indagações acerca da natureza humana e sua (in)disposição para fazer o mal.

Sabe-se das condições adversas em que a referida obra foi escrita. Condenado injustamente à morte, na prisão em Pavia, Boécio recebe em sua cela a *Filosofia*, vestida com roupas que ela mesma teceu que, embora rasgadas, mostravam ainda o bordado das letras *Pi* e *Theta*<sup>2</sup>. A Filosofia ali antropomorfizada mostra-se decidida a exercer seu ofício, o de interrogar. Tornar-se-á sua companheira e mais que “consoladora” será esclarecedora, mais que alentadora, será promotora de investigações acerca das fraquezas humanas. À maneira socrática, não hesitará em perscrutar exaustivamente seu interlocutor: “de início, permites-me fazer algumas

\* Trabalho apresentado no Coloquio de Filosofía Medieval, realizado na Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, em 2008.

<sup>1</sup> Boécio, *A consolação da Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, II, 7.

<sup>2</sup> Cf. *ibíd.*, I, 2.

perguntas para examinar e testar o estado da tua mente, para que possa saber que tipo de cura devo aplicar?”<sup>3</sup>.

Não é á toa que Boécio é considerado um Sócrates da antiguidade tardia<sup>4</sup>: Ao longo de toda a obra a *Filosofia* não abrirá mão de seu ofício e percorrerá os temas que clarificam as situações-limite<sup>5</sup> que os homens vivenciam, especialmente aquelas nas quais “os olhos se cegaram pelas coisas humanas”:

“Vendo-me totalmente calado, incapaz de pronunciar qualquer palavra, ela pôs a mão ternamente sobre meu peito e disse: “Não temas nada, é apenas uma letargia, doença comum aos espíritos logrados. Ele se esqueceu por um momento de si mesmo, facilmente recobrará a razão, no entanto somente se recordar quem eu sou”<sup>6</sup>.

## 2. A cegueira da ignorância

A razão pode ser recobrada e esse tipo de cegueira tem cura. Mas, diz a *Filosofia*, “se esperas a cura do médico, deves mostrar-lhe a doença”<sup>7</sup>. Assim, passo a passo, Boécio irá expor<sup>8</sup> as dores da sua alma reconhecendo, na *Filosofia*, a verdadeira luz: “Tu, que conduzes à verdadeira luz, sabes que todas as afirmações que me fizeste até agora pareceram-me não só divinas mas também irrefutáveis pela lógica [...]”<sup>9</sup>. Entretanto, Boécio não se sente completamente “curado”. Sabe dos sintomas, mas não conhece a causa de seu sofrimento, ou mais exatamente, não sabe por quê “apesar da existência de um ser bom que comanda o universo, o mal possa existir e até ficar impune”<sup>10</sup>. Esse questionamento não é absolutamente novo no

<sup>3</sup> *Ibíd.*, I, 12, p. 20.

<sup>4</sup> Cf. Marc Fumaroli. Prefácio, em Boécio, *A consolação da Filosofia*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, pp. VII-XLIII, (p.VIII).

<sup>5</sup> Cf. Karl Jaspers, *Introdução ao Pensamento Filosófico*, São Paulo, Cultrix, s/d, p. 53.

<sup>6</sup> Boécio, *ob. cit.*, I, 5, p. 7.

<sup>7</sup> *Ibíd.*, I, 8, p. 10.

<sup>8</sup> Além da natureza dialógica da obra, vale notar que a forma literária alterna um capítulo em prosa e outro em verso. Cada capítulo em prosa é antecedido de um capítulo em verso. Muitíssimo lida, desde a Idade Média, dela conservam-se ainda hoje quatrocentos manuscritos medievais (cf. David Luscombe, *O pensamento medieval*, Mira-Sintra, Mem Martins, 2000, Forum da História, 35).

<sup>9</sup> Boécio, *ob. cit.*, IV, I, p. 95.

<sup>10</sup> *Ibíd.*

mundo cultural cristão. Para citar apenas um exemplo, Agostinho inicia sua obra *O livre-arbítrio* justamente com a pergunta de Evódio, seu interlocutor naquele diálogo, acerca da existência do mal: “Peço-te que me digas, será Deus o autor do mal?”<sup>11</sup>.

Em *A consolação da Filosofia* essa questão coroa, por assim dizer, todo o percurso do diálogo entre Boécio e a *Filosofia*. Boécio, naquela situação de extremo sofrimento em que se encontrava, não teve –de imediato– a clareza para discernir entre bem e mal, virtude e vício, prêmio e castigo. A interrogação acerca da existência do mal abria um leque de questões que ainda hoje fazem pensar e, de diversas maneiras, nos deixam perplexos. Por exemplo, “enquanto o vício reina e prospera, a virtude não recebe recompensa alguma”<sup>12</sup>, ou “o que me leva ao extremo do espanto é o fato de que um Deus bom governa o universo”<sup>13</sup> ou mais ainda: “ora ele [Deus] concede seus benefícios aos bons e maltrata os malfetores; ora, pelo contrário, ele dá uma vida de sofrimentos ao bom e consente em satisfazer o desejo dos malfetores. Dessa forma, até que me proves o contrário, em que Deus difere do acaso?”<sup>14</sup>. A formulação inicial da resposta a essas questões é precedida por um belo poema –como todos os outros– no qual a *Filosofia* declara possuir asas que dão à sua alma condição de alçar vôo, de forma a contemplar o que está para além das aparências sensíveis. Os olhos, fortemente embaçados pela cegueira da ignorância, podem recuperar a visão. Os versos, de claro matiz platônico, propõem a ascese intelectual para restabelecer a saúde dos olhos.

“Possuo eu rápidas asas  
Para escalar as alturas celestes;  
Quando minha ágil alma delas se reveste  
Ela detesta e despreza toda a Terra.  
[...] E, satisfeita de ter chegado ao seu termo,  
Deixará a extremidade do céu  
E, desdobrando-se sobre o ágil éter,  
Seus olhos poderão contemplar  
O espetáculo do divino esplendor”<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> Santo Agostinho, *O livre-arbítrio*, São Paulo, Paulus, 1995, I, 1, p. 25.

<sup>12</sup> Boécio, ob. cit., IV, 1, p. 95.

<sup>13</sup> *Ibíd.*, IV, 9, p. 114.

<sup>14</sup> *Ibíd.*, p. 115.

<sup>15</sup> *Ibíd.*, IV, 2, pp. 96-7.

### **3. Ora, os homens são capazes de fazer o mal.**

“Acaso há fraqueza maior do que a cegueira da ignorância?”<sup>16</sup>. Essa questão feita pela *Filosofia*, sem rodeios, é uma das chaves de compreensão do tema que conduz a obra. Levado por um encadeamento de proposições Boécio chegará ao ponto nevrálgico do tema. Se que quem faz o mal é premiado e quem faz o bem é castigado, valeria a pena conduzir-se retamente em todos os âmbitos da vida? Não haveria uma força poderosa ao lado dos maus?

Com a Filosofia demonstrar-se-á justamente o contrário. Não há dúvida de que os “maus são capazes de fazer grande número de coisas [mas] essa capacidade que eles têm não provém de sua força, mas de sua fraqueza”<sup>17</sup>. Se, como argumenta a *Filosofia*, a vontade e a capacidade são condições essenciais para realizar qualquer ação, visto que uma sem a outra nos impede de chegarmos ao termo final de qualquer atividade, “é em virtude de sua capacidade que alguém é tido como forte, e fraco o incapaz”<sup>18</sup>. E posto que “todo o esforço da vontade humana, seja o que for que a motive, volta-se para a felicidade”, e a busca da felicidade é a busca do bem que se deseja, “todos, bons e maus, procuram com a mesma diligência o bem”. Além do mais, se “nos tornamos bons pela obtenção do bem”<sup>19</sup> é certo que se “os maus obtivessem o bem que procuram, já não poderiam ser maus”. Sendo assim, como estabelecer diferenças entre um e outro, entre bons e maus, quando é certo que os homens são capazes de fazer o mal? Se suas paixões os fazem desejar bem menores, se mostram “incapazes de resistir ao vício e demonstram sua intemperança pela fraqueza”, se com pleno conhecimento do bem não o desejam, isso atesta que não apenas deixaram de ser fortes e perderam sua capacidade e vontade, mas “deixaram de ser”<sup>20</sup>.

Com agudeza lógica e fineza de espírito Boécio descreve a fraqueza dos maus e sua vacuidade:

“para ser é preciso conservar a boa ordenação da alma e preservar a própria natureza; ora, aquele que se afasta de sua natureza renuncia também a ser

<sup>16</sup> *Ibíd.*, IV, 4, p. 101.

<sup>17</sup> *Ibíd.*, 3, p. 101.

<sup>18</sup> *Ibíd.*, p. 98.

<sup>19</sup> *Ibíd.*, pp. 98-9.

<sup>20</sup> *Cf. ibíd.*, p. 101.

aquilo de que sua natureza depende. Poder-me-ias dizer que os maus são capazes de fazer grande número de coisas. Não o nego; no entanto, essa capacidade que eles têm não provém de sua força, mas de sua fraqueza.[...] se podem fazer o mal é apenas porque conservam a capacidade de fazer o bem. E é justamente a capacidade de fazer o mal que prova com toda a clareza sua fraqueza”<sup>21</sup>.

Assim, entre uma e outra prosa, a linguagem poética revela a penosa condição daqueles que, julgando-se fortes e bons, sofrem de uma fraqueza moral:

“Estes reis que vês orgulhosamente instalados em seus tronos,  
Envolto em brilhante púrpura e protegidos por guardiães sinistros,  
Cujo olhar, duro e ameaçador, espuma de raiva e orgulho,  
Quando perdem a proteção de sua frágil majestade  
Mostram os estreitos liames que os acorrentam:  
Os venenos devastadores das paixões atormentam-lhes o coração,  
A cólera os sacode como o vento as águas do mar,  
A experiência da tristeza os abate, e a incerteza das esperanças os  
tortura:  
Tu podes bem ver que um só desses reis é escravo de tantos tiranos:  
Longe de fazer o que quer, ele está submetido a seus carrascos”<sup>22</sup>.

Os versos lembram a descrição de Platão acerca do homem tirânico em sua obra *A República*<sup>23</sup>. “Submetido a seus carrascos”, o tirano hospeda em si todos os vícios, é nefasto portador de infelicidades. Com Boécio, confirma-se que o “poder dos bons e a fraqueza dos maus não podem ser postos em dúvida” e as más ações conduzem à infelicidade: “os [maus] fazem tudo o que lhes agrada pensando obter o bem que desejam graças ao que o prazer proporciona; no entanto, não obtêm absolutamente nada”<sup>24</sup>, enfatiza a *Filosofia*.

<sup>21</sup> *Ibíd.*, pp. 101-2.

<sup>22</sup> *Ibíd.*, IV, 4, p.103.

<sup>23</sup> Cf. Platão, *A República*, IX.

<sup>24</sup> Boécio, *ob. cit.*, IV, 3, p. 102.

#### 4. A maldade, doença da alma

Por aí vê-se que a vontade de fazer o mal é uma infelicidade. Pior ainda é a capacidade de fazê-lo. Querer, poder e fazer o mal é causa de todo infortúnio, de todas as infelicidades. Essa composição triádica ocorre porque “as pessoas em geral são incapazes de elevar seus olhos acostumados às trevas em direção à luz da verdade, onde a evidência se impõe [...] têm o olhar fixado sobre seus próprios sentimentos, e crêem ser felizes para cometer todo tipo de má ação livre e impunemente”<sup>25</sup>. Essa pseudo-felicidade nada mais é do que uma doença, uma doença da alma: “se a astenia é uma doença do corpo, a maldade é uma espécie de doença da alma”<sup>26</sup> e provoca uma metempsicose moral:

“... acaso enrubesce por sua cobiça aquele que recorre à força para espoliar os bens dos outros? É como falar de um lobo! Acaso ele emprega sua energia e seu tempo para gastar a saliva com ardis? Podes então compara-lo a um cão. Mas fica este tramando armadilhas veladas e se alegra de ter despojado alguém fraudulentamente? Compara-o então a uma raposa. Acaso ele rugue de cólera e perde o autocontrole? Poderíamos dizer que ele tem o coração de um leão. Mas acaso treme ele de pavor e está sempre pronto a se esconder diante daquilo que não amedronta nem uma mosca? Esse mau caráter, que tem medo de sua própria sombra, é mais parecido com um cervo. Este, preguiçoso, pesado e sempre inclinado ao sono, leva uma vida digna de um asno; seus caprichos, fantásticos e móveis, não diferem em nada dos de um pássaro. Mete-se ele em infâmias e imundas paixões? Ei-lo prisioneiro de desejos dignos de um porco repugnante!”<sup>27</sup>.

Esses modos viciados de ser, todos semelhantes (asno, porco, lobo, cão, etc.) às criaturas não-rationais, demonstra que renunciar à virtude e ao bem é renunciar à própria existência, numa espécie de adoecimento. Aquele que “é” mau deixa de ser e, por não conduzir-se livremente –pois é escravo de seus próprios ardis– já não pode ser considerado humano, pois foi “metamorfoseado por muitos vícios” e “transforma-se em besta, incapaz de ascender à condição divina”<sup>28</sup>. É interessante notar que, logo no início d’*A Consolação*, Boécio foi interrogado sobre a essência da

<sup>25</sup> *Ibíd.*, IV, 7, p. 110.

<sup>26</sup> *Ibíd.*, p. 113.

<sup>27</sup> *Ibíd.*, IV, 5, pp. 105-6.

<sup>28</sup> Cf. *ibíd.*

natureza humana. A pergunta feita pela *Filosofia* “o que é afinal um homem” recebeu resposta imediata porém insuficiente: “um animal racional e mortal”. Foi preciso um longo processo terapêutico para desvelar o sentido mais profundo de ser e saber-se humano: “talvez esta seja a causa principal [da doença]: deixaste de saber o que tu és”<sup>29</sup>. Mais uma vez encontra-se aí forte ressonância da ética platônica. Em sua *Apologia de Sócrates* Platão lembra que “uma vida sem investigação não é digna de ser vivida”<sup>30</sup>. Também em Boécio a essência do homem deve ser buscada na complexidade da alma humana. Difícil encontrar definição mais apropriada, para não dizer mais atual, do que essa descrição poética de Boécio:

“No interior do homem está sua natureza  
Encravada numa cidadela secreta.  
Há venenos dos mais poderosos  
Que fazem o homem sair de si mesmo,  
Mas eles o atingem profundamente,  
Pois, sem lhe prejudicar o corpo,  
Ferem-lhe a alma”<sup>31</sup>.

De fato, a alma envenenada não pode querer o bem. Ferida, quer fazer o mal e contraria sua natureza. Daí a desmedida, a infelicidade, o infortúnio... e tantos males que expressam os absurdos na (da) vida humana.

Sob esse prisma, o tema do mal é inconcluso e ainda hoje não temos receitas para os antídotos. Pode ser que, se educada pela Razão, vale dizer, “consolada pela Filosofia”, essa alma possa um dia “elevar-se acima da terra e merecer as estrelas”.

*Recibido 23/03/2016*  
*Acceptado 01/06/2016*

<sup>29</sup> Cf. *ibíd.*, I, 12, p. 21.

<sup>30</sup> Platão, *Apologia*, 38a

<sup>31</sup> Boécio, *ob. cit.*, IV, 6, p. 107.

